

LITERATURA E CONTEMPORANEIDADE

A edição número 18 da revista *Scripta Alumni* lança o dossiê intitulado *Literatura e contemporaneidade*. O assunto não abrange apenas as características que delineiam a arte literária em nosso tempo, mais especificamente no século XXI. Ele também compreende cruzamentos e retomadas, de modo a nos obrigar a pensar sobre tradição, evolução artística e inovação. Consequentemente, vêm à tona discussões já antigas e que se referem à pretensa existência (ou não) do original e do novo. A partir dos textos desta edição, surgiram pontos comuns, que servem como uma boa amostra das inquietações que marcam a literatura atual. Entre eles, estão: as delimitações geográficas; a universalidade dos clássicos e as diferentes perspectivas que eles permitem; as diásporas e as diferenças; as crises de identidade; as muitas questões acerca da morte, da vida e da liberdade; a reconfiguração do tempo e a importância que isso desencadeia nos atos de lembrar e de escrever; os limites entre o literário e o extraliterário; e, ainda, as instigantes e infindáveis negociações entre o estranho, o impossível e a realidade cotidiana.

Para atender a esse repertório, a revista foi dividida em seis seções:

- *Literatura irlandesa: ponto de partida e de chegada*
- *Arte e corporalidade*
- *Morte: entre vida e arte*
- *Tempo e memória*
- *Literatura fantástica e realidade*
- *Literatura e (in)formação*

A primeira parte, *Literatura irlandesa: ponto de partida e de chegada*, traz três artigos. Um deles, intitulado *O estranhamento narrativo em "At swim, two boys" de Jamie O'Neill*, associa a obra de O'Neill, que data do início do século XXI, ao romance de James Joyce, *Ulysses*, lançado no século XX. No jogo de influência, que implica resgate e (re)criação, é notável e necessária a preocupação com a linguagem. Para a crítica, O'Neill tenta aprofundar o perfil dos personagens e assume um discurso marcadamente eloquente e retórico. No artigo apresentado nesta edição, os conceitos de Sandra Nitrini e do formalista russo Viktor Shklovsky embasam a discussão, que não trata



apenas das diferentes estéticas e épocas literárias, mas também da história da Irlanda. O segundo trabalho, *As figuras de Jasão e Herácles nas "Argonáuticas", de Apolônio de Rodes, pensadas sob algumas perspectivas de James Joyce e James George Frazer*, também entrelaça estilos e épocas, com a diferença de que a comparação amplia a distância que separa as obras em análise. Mito, trajetória do herói, forma e linguagem norteiam o estudo, demonstrando, simultaneamente, as importâncias da tradição e da inovação. Tal conexão sinaliza "um cosmopolitismo (...) de ideias, práticas e conhecimentos que atravessaram séculos em trocas interculturais (...) enriquecedoras" (CORNELLI *et al.*, 2016, p. 103)¹. No trabalho aqui publicado, a épica da Antiguidade Clássica é comparada ao joyceano *Finnegans wake*, aproximação que encontra respaldo também no estudo de outros autores, como este, que cito a seguir:

É como se Joyce estivesse em um passado distante, como um Homero irlandês; sua linguagem não é a dos tempos atuais. Não há como compreender sua mente com nossos instrumentos. Ele está situado na aurora dos tempos, no início de uma Civilização, pelo menos em sua linguagem, mas é claro que ele está simultaneamente fazendo uma recapitulação da experiência da humanidade. Definitivamente Joyce é um criador de mitos. O mito de Ulisses está situado em Dublin em um único dia; em *Finnegans Wake* o mito é de toda a humanidade. Poetas captam o sentido da vida e da história e fundam e definem civilizações. Homero, a grega; Dante, a Cristã. Seria Joyce aquele quem captou e definiu melhor um mito para o nosso tempo? (PIMENTA, 2017)²

Por fim, o terceiro artigo da presente seção, sob o título *Contemporary borders: intercultural relations and female agency in Roddy Doyle's short story "The pram"*, problematiza vários temas pertinentes em nossa sociedade. No trabalho, escrito em inglês, a interculturalidade mescla-se à imigração e ao preconceito, questões cada vez mais em destaque, na mídia mundial. Há dois anos, publicou-se a seguinte informação, na *Carta maior*: "Somente no mês de julho

¹ CORNELLI, G. *et al.* (Coords.). *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2016.

² PIMENTA, F. *Finnegans Wake, de James Joyce*. Disponível em: <<https://felipecimenta.com/2016/05/18/resenha-finnegans-wake-de-james-joyce/>>. Acesso em: 5 dez. 2017.



[de 2015], mais de 100 mil refugiados chegaram à Europa. Muitos são objeto de rejeição e ódio xenofóbico” (DUARTE-PLON, 2017)³. Evidentemente, o fenômeno migratório não é algo novo, como afirmam Stuart Hall e outros pensadores dos Estudos Culturais. Entretanto, hoje ele ganhou novo impulso e coloca mais uma vez as identidades culturais **sob rasura**, em meio à diversidade e às trocas que o processo exige:

As sociedades multiculturais não são algo novo. Bem antes da expansão europeia (a partir do século quinze) — e com crescente intensidade desde então — a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente "mistas". "Movimento e migração (...) são as condições de definição sócio-histórica da humanidade." (Goldberg, 1994). (HALL, 2003, p. 55, ênfase no original)⁴

Por fim, o artigo trata do feminino e do empoderamento, mais uma associação bastante estudada e debatida, hoje em dia. Para justificar a assertividade da análise e da escolha dos temas trabalhados, transcrevo, aqui, duas citações de Sarah Mosedale, que se complementam: "(...) empowerment is an ongoing process rather than a product"⁵ (MOSEDALE, 2016)⁶; "People are empowered, or disempowered, relative to others or, importantly, relative to themselves at a previous time"⁷ (MOSEDALE, 2016).

A seção dois, *Arte e corporalidade*, reúne dois artigos: "Assim que me toco, me perco": uma leitura de Pirandello; e "Junky", um meio de vida, e o grito contra o capitalismo norte-americano dos anos 1940-50. Sob perspectivas distintas, ambos discutem a identidade. O primeiro centraliza essa problemática na vida do protagonista de Pirandello. O

³ DUARTE-PLON, L. *Imigração e refugiados na Europa – o desafio do século*. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Imigracao-e-refugiados-na-Europa-O-desafio-do-seculo/6/34349>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

⁴ HALL, S. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

⁵ "(...) empoderamento é um processo contínuo e não apenas um produto" (MOSEDALE, 2016). (Tradução nossa).

⁶ MOSEDALE, S. *Policy arena*. Assessing women's empowerment: Towards a conceptual framework. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/261727075_Mosedale_Assessing_women's_empowerment>. Acesso em: 10 out. 2016.

⁷ "As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas, em relação aos outros ou, fundamentalmente, em relação a elas mesmas, em um período anterior" (MOSEDALE, 2016). (Tradução nossa).



personagem é um homem normal, acomodado à sua rotina e, a partir de um comentário sobre seu nariz, passa a repensar várias coisas. Interessante é perceber, nesse processo, como algo físico ganha grande proporção, transformando-se em algo abstrato e metafísico. Em outras palavras, parte-se de um detalhe do corpo (ou do rosto) para se atingir a vastidão da identidade e do ser. O segundo trabalho dessa seção analisa um texto de William S. Burroughs, escritor responsável por uma verdadeira revolução na literatura, em meados do século XX, ao lado de Ginsberg e Kerouac. Com base em *Junky: drogado*, o artigo que fecha a segunda seção deste número da *Scripta Alumni* faz uso da Filosofia para apresentar a pertinência da violência, da rebeldia e da situação-limite, no contexto atual, mesmo tendo se passado mais de meio século da data de lançamento da obra de Burroughs. A fim de demonstrar isso, e de firmar a relação entre corpo, aprisionamento e liberdade, fiquemos com um trecho de *Junky*: "O sujeito é capaz de morrer simplesmente porque não consegue ficar dentro do próprio corpo" (BURROUGHS, 2017)⁸.

Na terceira seção, chamada *Morte: entre vida e arte*, foram incluídos dois trabalhos. Um deles, *A imagem da morte através do tempo: de John Donne a Margaret Edson*, focaliza o feminino e o cotidiano transformado pela morte. Por essa razão, também o personagem se modifica, redefinindo sua postura diante do mundo, da alteridade e da relação vida/morte. A comparação abrange dois textos que se separam temporalmente por quase quatrocentos anos, mas que se aproximam pelo tema e pela atitude individual. No referencial teórico, utilizam-se os preceitos de Norbert Elias, que sustentam de modo bastante adequado os objetivos do artigo. O outro trabalho, intitulado *Poesia, linguagem, imagem e a representação da morte em três poemas de Helena Kolody*, coincide com o estudo anterior, por também tratar do feminino. Porém, pela própria característica das obras da poeta escolhida para análise, aqui enfatizam-se a metáfora e a simbologia dos elementos fortes, inseridos em uma escrita breve, mas também contundente.

A seção de número quatro, *Tempo e memória*, apresenta três artigos, respectivamente: *Augusto Roa Bastos: os tempos em "Contravida"*; *Diferenças e aproximações entre o diário e a autobiografia em Annie Ernaux*; e *"A casa dos espelhos": reflexos da memória na ficção de Sergio Kokis*. Assunto bastante atual, o tempo é analisado em uma das conhecidas conferências de Italo Calvino, que afirma:

⁸ BURROUGHS, W. S. *Junky: drogado* [Excerto]. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8580866448>>. Acesso em: 6 dez. 2017.



Na vida prática, o tempo é uma riqueza de que somos avaros; na literatura, o tempo é uma riqueza de que se pode dispor com prodigalidade e indiferença: não se trata de chegar primeiro a um limite preestabelecido; ao contrário, a economia de tempo é uma coisa boa, porque quanto mais tempo economizamos, mais tempo poderemos perder. A rapidez de estilo e de pensamento quer dizer antes de mais nada agilidade, mobilidade, desenvoltura; qualidades essas que se combinam com uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para reencontrá-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios (...). (CALVINO, 1998, p. 29)⁹

Outro assunto que predomina, nesta seção, é a questão da autobiografia e do diário, tentativas explícitas de deter o tempo, por meio do registro. Sob esse aspecto, hoje em dia, o tempo “não é mais compartimentado geometricamente. E ao se converter em um contínuo fluido, ondulante e total, sua função (...) parece ter se intensificado e complexificado” (SIBILIA, 2005, p. 41)¹⁰. De fato, presenciamos isso, na sociedade tecnológica do século XXI, razão pela qual Paula Sibilia ainda enfatiza o alargamento da esfera privada, que passa a ser de domínio público, transição que se relaciona intrinsecamente com a “espetacularização do eu” (SIBILIA, 2005, p. 47). Ainda na seção quatro, outro tema que se entrelaça aos demais, nas discussões acerca do tempo, é a importância das versões, que oferecem novas perspectivas, iluminando o fato por outro ângulo ou trazendo à tona elementos nunca notados antes, ou obscurecidos (pelo tempo). Nesse quesito, creio que a referência obrigatória é Linda Hutcheon, que constata: “(...) tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade” (HUTCHEON, 1991, p. 127)¹¹.

⁹ CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁰ SIBILIA, P. A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs. *Em questão*, v. 11, n. 1, Porto Alegre, jan./jun. 2005, p. 35-51.

¹¹ HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. História, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.



A quinta seção, que recebeu o título *Literatura fantástica e realidade*, traz dois artigos: *O realismo fantástico e o jogo do faz de conta no conto "A invernada do sossego"*, de José J. Veiga; e *A estranha máquina do real: recepção crítica e contemporaneidade de José J. Veiga*. Os trabalhos coincidem na escolha do autor e, conseqüentemente, do tipo de literatura. O primeiro artigo, pelo fato de apresentar análise de um conto específico, tem caráter mais pontual e prático. Quanto ao segundo estudo, destaca-se o debate teórico, pois estão em discussão a nomenclatura e a classificação normalmente associadas aos textos de Veiga. Por fim, cumpre ressaltar a predominância do fantástico nas artes do século XXI. Em texto relativamente recente, Nelly Novaes Coelho defende a ideia de que a literatura, porque auxilia na "formação das mentes" e de conhecimento de mundo, da vida" (COELHO, 2007, p. 4, ênfase no original)¹², serve de "antídoto à robotização" (p. 3). Opositora natural da rapidez, traço inerente à era tecnológica, a arte literária surge como opção para oferecer ao leitor outro ritmo, mais lento e com espaço a devaneios, digressões, voltas e avanços na história. Tomando por base essa perspectiva da autora, proponho pensar o fantástico como se fosse uma exacerbação da literatura e, por isso mesmo, como um antídoto mais concentrado ao ceticismo incutido, de modo quase imperceptível, pela tecnologia.

Na última seção, *Literatura e (in)formação*, também estão reunidos dois trabalhos. O primeiro, sob o título *Os rumores em comum: Adília Lopes por uma leitora da "Inimigo rumor"*, trata da associação entre a arte literária e uma revista atuante desde o final da última década do século passado, a qual completou 10 anos e 20 números publicados. O segundo trabalho, *Para um letramento literário sensível na escola*, discute semiótica e teoria literária no contexto escolar, a partir de uma proposta de trabalho com um conto, privilegiando a didática, o aspecto literário e o gosto pela leitura. A preocupação dos autores baseia-se claramente nos pressupostos de estudiosos de renome, em se tratando de metodologia e ensino, entre os quais cito Marisa Lajolo, para quem:

Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da

¹² COELHO, N. N. *Literatura: um olhar aberto para o mundo*. Disponível em: <<http://www.collconsultoria.com/artigo7.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2007.



leitura, contrapartida do igualmente solitário ato da escritura.
(LAJOLO, 1988, p. 52)¹³

Ambos os trabalhos dessa seção analisam a literatura em contextos diferentes — cotidianos e extraliterários: o informativo e o escolar. Isso comprova a democratização e a abrangência da arte literária, mas, simultaneamente, exige um tratamento diferenciado, já que envolve outros perfis de leitores, interferindo de modo decisivo nos processos de leitura e interpretação.

Espero que a variedade de temas e abordagens dos artigos desta edição de número dezoito atenda às expectativas de nossos leitores; ou que surpreenda, contribuindo para o debate necessário sobre os elementos que formam a literatura contemporânea.

Verônica Daniel Kobs
Editora

¹³ LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 49-72.

